

Salvador 450 anos / IV Séculos de Poesia.

Poemas Soltos
Coordenação: Ildásio Tavares

POEMAS SOLTOS

I

Sonetos de maldizer, louvor e contrição

GREGÓRIO DE MATOS
(1636 - 1695)

I - Gregório de Mattos - *Sonetos de maldizer, louvor e contrição*
Seleção e estabelecimento crítico do texto - Francisco Topa

Apoio: Falcão Comércio e Serviços Gráficos

Edições Palmares
Salvador
Março de 1999

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido,
Que a mesma culpa que vos há ofendido.
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra-história:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada;
Cobrai-me, e não queiras, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

*Ao Tabelião Manuel Marques,
tendo sido espadeiro havia pouco*

Há cousa como ver o Sô Mandu
Mui prezado de ser Tabelião,
Na Ilha descendente de um vilão,
E cá feito um monarca do Pegu?

Aspecto reverendo, feio e cru,
Trombeteiro de sua geração,
E encaixando o barrete e seu roupão,
Representa um fatal Jacob Baru.

Que ignore este enfim seu nascimento,
Como o faz no Brasil qualquer Brichote,
Vade em paz porque imita mais de cento;

Mas que sendo inda há pouco espadeirote
Queira ser como Bruto grão talento;
Será: que manhas tem de Dom Quixote.

*Á morte da Augusta Senhora Rainha
D. Maria Francisca Isabel, que faleceu em 1683*

Hoje pó, ontem Deidade soberana,
Ontem sol, hoje sombra, ó Senadores,
Lises imperiais enfim, são flores,
Quem outra cousa crê muito se engana.

Nas cinzas que essa urna guarda ufana.
Vejo que os aromáticos licores
São de seu mortal ser descobridores
Porque o que a arte esconde o juízo alhana.

A Real Capitania submergida!
Olhos á gávea, ó tu, Naveta ousada
Que ao mar te engolfas de ambição vencida.

Pois em terra a Real está encalhada.
Alerta, altos Baixéis, porque anda a vida
Da mortal tempestade ameaçada.

*Ao Governador D. João de Alencastro, apresentando-lhe
o Padre Valentim Estancel,, da Companhia de Jesus,
insigne Matemático, um novo Astrolábio para lho levar
a El-Rei D. Pedro II, dedicado ao Príncipe D. João,
recém-nascido*

Este, Senhor, que fiz, leve instrumento
Para pesar o sol a qualquer hora,
Dedico àquele sol a cuja Aurora
Já destinam dous Mundos rendimento

Desta minha humildade o desalento,
Que a sua Quarta esfera não ignora.
Subindo ao oitavo céu, pretende agora
A estrela achar o novo Firmamento.

Eu, que outro sol no seu zenit pondero,
Aos que nascido soberanos raios,
Pensando-me eu a mim, me desespero.

Mas vós, Águia Real, esses ensaios
Entre os vossos levai, pois considero
Que nunca em tanta sombra houve desmaios.

*Aos mesmos Amo e Criado
Governador Câmara Coutinho e Luís Ferreira de Noronha*

Que aguarde Luís Ferreira de Noronha
Tão grande pespegar pelo besbe-,
Para o Puto que aguarda tal pespe-
E faz servir [o] seu cu de coco-!

Subverteu-se a cidade de Sodo-
Pelo muito que andou de carangue-
A Palácio também creio suce-
O mesmo que à cidade de Gomo-

Que desse em pescador Antônio Lui-!
Nefando gosto tem o seu cara-
Em não querer topar ponta de cri-

Pois tanto se namora do peca-
A Cuama se vá pescar lombri-,
E em castigo de Deus morra queima-.

Ao dia do Juízo

O alegre do dia entristecido.
O silêncio da noite perturbado,
O resplendor do Sol todo eclipsado,
E o luzente da lua desmentido!

Rompa todo o criado em um gemido.
Que é de ti, mundo? Onde tens parado?
Se tudo neste instante está acabado,
Tanto importa o não ser como haver sido.

Soa a trombeta da maior altura,
A que a vivos e mortos traz o aviso
Da desventura de uns, doutros ventura.

Acabe o mundo, porque é já preciso,
Erga-se o morto, deixe a sepultura,
Porque é chegado o Dia do Juízo.